



Cozinhas comunitárias, enfrentamento à fome e protagonismo popular-comunitário no Grande Bom Jardim

Community kitchens, fighting hunger and popular-community protagonism in Grande Bom Jardim

Cocinas comunitarias, lucha contra el hambre y protagonismo popular-comunitario en Grande Bom Jardim

DOI: <https://doi.org/10.70051/mangt.v5i2.68908>

Nathyelly Araujo dos Santos | nathyelly@aluno.unilab.edu.br

<https://orcid.org/0009-0005-7479-5760>

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Brasil.

Eduardo Gomes Machado | eduardomachado@unilab.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-9321-6745>

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Brasil.

Recebimento do artigo: 03-julho-2025

Aceite: 13-outubro-2025



SANTOS, N. A.; MACHADO, E. G. Cozinhas comunitárias, enfrentamento à fome e protagonismo popular-comunitário no Grande Bom Jardim. **Revista Mangú: Conexões Gastronômicas**. ISSN 2763-9029. Rio de Janeiro, v. 5, n.2, p. 352-367, out. 2025.

RESUMO

Este ensaio fotográfico relata experiências das cozinhas comunitárias do Grande Bom Jardim. Desde 2022, agentes individuais, coletivos e institucionais reconstituíram cozinhas comunitárias, que se tornaram essenciais ao enfrentamento à fome nesse território periférico, situado em Fortaleza, Ceará, Brasil. Constituindo a Rede de Cozinhas Comunitárias do Grande Bom Jardim, esses agentes formularam dados, geraram demandas e proposições, afetaram a elaboração da política estadual de enfrentamento à fome do Ceará e integraram o enfrentamento à fome à luta por uma política pública territorializada e democrática de segurança alimentar. Este ensaio fotográfico apresenta 22 fotografias geradas entre 2023 e 2024. Visitando as cozinhas, foi feito o acompanhamento das atividades e interações cotidianas, com foco na produção e na distribuição de refeições, mas com atenção a outras ações sociais e artístico-culturais. O trabalho envolveu participação do cotidiano das cozinhas, entrevistas e registros fotográficos e em vídeo. A partir disso, ficaram evidenciados a relevância societal e ético-política e o protagonismo popular-comunitário no enfrentamento a intensas vulnerabilidades sociais, violências e violações de direitos.

Palavras-chaves: Gastronomia; Cozinhas comunitárias; Fome; Grande Bom Jardim; Segurança alimentar.

ABSTRACT

This photo essay reports experiences of the community kitchens of Grande Bom Jardim. Since 2022, individual, collective, and institutional agents have reconstituted community kitchens, which have become essential to the fight against hunger in this peripheral territory, located in Fortaleza, Ceará, Brazil. Constituting the Network of Community Kitchens of Grande Bom Jardim, these agents formulated data, generated demands and propositions, affected the elaboration of the state policy to combat hunger in Ceará and integrated the fight against hunger with the struggle for a territorialized and democratic public policy for food security. This Photo Essay features 22 photographs generated between 2023 and 2024. Visiting the kitchens, daily activities and interactions were monitored, focusing on the production and distribution of meals, but attentive to other social and artistic-cultural actions. We participated in daily life, conducted interviews and made photographic and video records. The societal and ethical-political relevance and the popular-community protagonism in confronting intense social vulnerabilities, violence and rights violations are evident.

Keywords: Gastronomy; Community kitchens; Hunger; Grande Bom Jardim; Food security.

RESUMEN

Este ensayo fotográfico relata las experiencias de los comedores comunitarios de Grande Bom Jardim. Desde 2022, agentes individuales, colectivos e institucionales han reconstituido comedores comunitarios, que se han vuelto esenciales para la lucha contra el hambre en este territorio periférico, ubicado en Fortaleza, Ceará, Brasil. Constituyendo la Red de Comedores Comunitarios de Grande Bom Jardim, estos agentes formularon datos, generaron demandas y propuestas, incidieron en la elaboración de la política estatal de lucha contra el hambre en

Ceará e integraron la lucha contra el hambre con la lucha por una política pública territorializada y democrática para la seguridad alimentaria. Este ensayo fotográfico presenta 22 fotografías generadas entre 2023 y 2024. Visitando las cocinas, se monitorearon las actividades cotidianas y las interacciones, enfocándose en la producción y distribución de comidas, pero atentos a otras acciones sociales y artístico-culturales. Participamos en la vida cotidiana, realizamos entrevistas e hicimos registros fotográficos y de video. Son evidentes la relevancia social y ético-política y el protagonismo popular-comunitario frente a las intensas vulnerabilidades sociales, la violencia y las violaciones de derechos.

Palabras claves: Gastronomía; Comedores comunitarios; Hambre; Grande Bom Jardim; Seguridad alimentaria.

ENSAIO FOTOGRÁFICO

Com uma população atual em torno de 216 mil habitantes, o Grande Bom Jardim (GBJ) foi constituído e é marcado pela presença de povos e comunidades sertanejas, interioranas, indígenas, neopentecostais, católicas populares progressistas e afrodescendentes, bem como de povos de terreiro. São pessoas, famílias e grupos sociais com histórias e gerações marcadas por expropriações e remoções de terras urbanas e rurais, por opressões e subalternizações. Compõem uma parcela importante das classes trabalhadoras que atuam nos municípios de Fortaleza, Maracanaú e Caucaia. Esses agentes constituíram e constituem o território agregando, reproduzindo e atualizando uma diversidade de patrimônios – o que engloba cosmologias, conhecimentos, *expertises*, disposições, sociabilidades, dinâmicas de territorialização, modos de vida, formas de convivência, vínculos e formas associativas, além de dinâmicas de organização e atuação política.

O GBJ é um território marcado por extrema vulnerabilidade social, precariedade urbana e múltiplas violências e violações de direitos. Nesse contexto, as cozinhas comunitárias e as instituições que as constroem lidam com as pessoas, famílias e comunidades mais vulneráveis em uma periferia marcada por intensa vulnerabilidade social e segregação socioespacial de larga escala, inclusas as pessoas LGBTQIA+, egressas do sistema penal e do sistema socioeducativo, em situação de rua, populações indígenas e famílias e comunidades que residem em assentamentos precários. Ao mesmo tempo, nas últimas décadas, constituiu-se no GBJ um movimento popular-comunitário potente, no formato de um movimento social em rede, como indicam Machado e Pereira (2020, p. 21-22). Dessa forma, esse movimento popular-comunitário, em suas instâncias, como a Rede de Cozinhas Comunitárias, promove reiteradamente meios de sociabilidade, processos complexos e intensos de aprendizagem, invenção e inovação, parâmetros de experiência cognitiva e normativa e formas de agenciamento.

Vinte e quatro cozinhas comunitárias participantes da rede, produzem e distribuem em torno de 45 mil refeições por mês, em mais de 60 áreas e comunidades que compõem o Grande Bom Jardim – Bom Jardim, Canindezinho, Granja Lisboa, Granja Portugal e Siqueira. Cada cozinha comunitária foi criada a partir de associações comunitárias, organizações da sociedade civil, paróquias católicas, lideranças espíritas e neopentecostais e terreiros de umbanda. Várias lideranças dessas instituições, algumas com décadas de existência, relatam que em diferentes

momentos produziram e distribuíram refeições, o que revela uma maleabilidade que é essencial à manutenção de seu protagonismo societal e político. Essas agencialidades – individuais, coletivas e institucionais – refazem-se continuadamente, o que envolve a centralidade de processos educativos teórico-práticos, inclusas tensões criativas entre tradições e inovações. Em articulação com os contextos, conjunturas, necessidades e demandas vivenciadas pelas populações locais às quais se vinculam e com as quais se comprometem, elas integram e associam a produção e a distribuição de refeições a outras ações sociais e artístico-culturais (Machado *et al.*, 2022, 2024).

O grupo de extensão e pesquisa ao qual somos vinculados atua de modo sistemático e cotidiano no GBJ desde 2015. Em 2022, participamos da formulação e da execução do Mapa participativo de enfrentamento à fome do Grande Bom Jardim (Machado *et al.*, 2022), quando foi instituída a Rede de Cozinhas Comunitárias do Grande Bom Jardim^{1,2}. Entre 2023 e 2024, desenvolvemos um projeto de iniciação tecnológica³ que nos permitiu visitar vinte cozinhas comunitárias da Rede de Cozinhas, efetuando uma etnografia visual, com registros em fotografia e vídeo, acompanhando aspectos da dinâmica cotidiana, da mística, da capilaridade territorial, dos agentes e de sua relação com pessoas, comunidades, grupos sociais e famílias vulneráveis. As visitas permitiram acompanhar todo o funcionamento da cozinha, desde a abertura dos portões até o encerramento das atividades diárias, com foco na produção e na distribuição de alimentos, identificando outras ações sociais desenvolvidas e realizando entrevistas com as principais lideranças, cozinheiras e ajudantes de cozinhas. Todas as ações foram pactuadas com as cozinhas comunitárias nas reuniões mensais da Rede de Cozinhas e em diálogo com as pessoas durante a visita. Nesses momentos, explicamos o que iremos fazer e solicitamos autorização para fazer os registros visuais, indicando que as imagens serão utilizadas/publicizadas somente para finalidades acadêmico-científicas.

Nesse momento, cabe destacar o que Bodart e Silva (2015, p. 272; 274) afirmam quanto à importância da articulação entre registro fotográfico e descrição textual na etnografia, entendendo que há “uma complementaridade entre texto e imagem no processo de descrição etnográfica”, considerando que ambos são expressivos em relação às “coisas do mundo” e instigam percepções ou modos de ver próprios dos leitores, e particularmente dos agentes da pesquisa. Ainda mais se considerarmos, como indica Novaes (2012, p. 21), que as fotografias “permitem registrar aquilo que em palavras perde toda a sua intensidade e dramaticidade”. E, mais do que isso, como Novaes (2012, p. 17) também destaca, entendendo que as fotografias, ao serem apresentadas aos agentes da pesquisa, podem desencadear conversas cruciais “em termos de dados de pesquisa”, permitindo “introduzir questões, esclarecer dúvidas, colher ricos depoimentos, acompanhar as discussões que as fotos suscitam entre as pessoas”.

Após a realização das visitas, entendemos que estava se constituindo um acervo relevante, com narrativas e memórias orais e visuais significativas. Esse acervo abrangia indícios acerca da constituição territorial e da conformação do movimento popular-

¹ Para saber mais: <https://cozinhascomunitariasgbj.org.br/>; <https://cdvhs.org.br/wp-content/uploads/2022/09/carta-rede-de-cozinhas-gbj.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2025.

² Trata-se de uma parceria envolvendo o Centro de Defesa da Vida Herbert de Sousa (CDVHS), dezenove cozinhas comunitárias, a Associação de Catadores e Catadoras de Material Reciclável do Bom Jardim (ASCABOMJA) e dois grupos de extensão e pesquisa. Para saber mais: <https://www.instagram.com/ascabomja/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

³ O projeto foi apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a quem agradecemos.

comunitário do/no Grande Bom Jardim, bem como contemplava informações que atravessavam décadas e integravam gerações, pelo menos desde os anos 1980. No processo de sistematização e análise dos materiais gerados, fomos dialogando com o movimento popular-comunitário do GBJ, buscando constituir ações estratégicas para fortalecer os agentes locais. Em 2025 consolidamos parcerias com a Rede de Cozinhas Comunitárias do Grande Bom Jardim e com o Ponto de Memória do Grande Bom Jardim⁴, que participam e são instâncias da Rede de Desenvolvimento Local, Integrado e Sustentável do Grande Bom Jardim⁵; e com o Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ)⁶, um equipamento de arte e cultura vinculado ao Governo do Estado do Ceará. Como resultados, formulamos a ideia e fomos construindo participativamente uma série documental audiovisual e uma exposição integradas, nomeadas como “Saber, sabores e afetos: cozinhas comunitárias como tecnologias sociais”.

Cabe reforçar que o processo foi/está sendo realizado de modo participativo, com dinâmicas híbridas – *off-line* e *on-line* – envolvendo agentes acadêmicos e popular-comunitários do Grande Bom Jardim, o que abre espaço para a conformação conjunta e a geração de vetores e implicações educacionais, societais, estéticos e ético-políticos relevantes. A partir de junho de 2025, os vídeos completos das entrevistas realizadas com as lideranças foram publicizados no YouTube, e recortes temáticos dessas entrevistas foram postados no Instagram e no Facebook. No segundo semestre desse mesmo ano, a exposição foi realizada na Galeria do CCBJ.

Neste momento, cabe destacar que, embora a fotografia possa ser considerada um testemunho visual de um fragmento do real visível, contendo em si um “inventário de informações acerca de um determinado momento passado”, esse “testemunho fotográfico não é isento e sua verdade é apenas relativa”, inclusive ao considerarmos que a sua “materialização sempre se fez a partir do processo de criação do fotógrafo, um processo, pois, marcado pela subjetividade” (Kossoy, 2012, p. 113 e p. 116). Nesse sentido, é importante considerar que as fotografias aqui apresentadas foram produzidas em um contexto específico e não assumindo intencionalidades singulares, em sua produção e sua difusão, que apresentaremos a seguir. Objetivamos produzir registros visuais e audiovisuais – fotografias e vídeos – para conformar um acervo e reativar e salvaguardar patrimônios e memórias do movimento popular-comunitário do Grande Bom Jardim (Machado e Pereira, 2020), particularmente da Rede de Cozinhas. Ao mesmo tempo, entendendo-se que as lutas políticas contemporâneas são tocadas por disputas simbólicas que atravessam e interligam o privado e o público, os registros e a difusão dos recortes visuais selecionados/produzidos adquirem a intencionalidade de compor e ampliar representações, narrativas, imagens e imaginários que evidenciem a potência societal, estética, urbana e ético-política popular-comunitária periférica do/no Grande Bom Jardim. Buscamos também fortalecer dinâmicas de reflexão, interpretação, autoconhecimento e conhecimento mútuo, envolvendo as agencialidades individuais, coletivas e institucionais, com o intuito de fortalecer de modo interindividual a autoestima, o respeito mútuo e a dinâmica de mobilização social e coletivização de ações, inclusive ao fomentar e/ou fortalecer processos interpretativos capazes de gerar sentidos, significados, expectativas, motivações e percepções compartilhadas (Carlos, 2011). Pretendemos, ainda, afirmar as inter-

⁴ Para saber mais: <https://www.instagram.com/pontodememoria.gbj/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

⁵ Para maiores informações sobre a Rede DLIS do GBJ, confira Machado e Faustino, 2018; Machado (2021); <https://www.instagram.com/rededlis/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

⁶ Para saber mais: https://www.instagram.com/ccbj_centroculturalbomjardim/; <https://ccbj.org.br/>. Acesso em: 25 jun. 2025.

relações entre as dimensões societal, ético-política, estética e educacional, o que é relevante a um processo marcado por parcerias entre agentes acadêmicos, da sociedade civil e da sociedade política, inclusive o CCBJ, que tem um histórico de gestão democrática compartilhada com o Fórum de Cultura do Grande Bom Jardim e que afirma institucionalmente as relações entre arte, cultura e cidadania. Por fim, intencionamos fortalecer a reconstituição continuada de vínculos sociais e o protagonismo dos agentes popular-comunitários no enfrentamento pragmático de situações problemáticas e contextos críticos (Cefaï, 2009) e na luta por direitos e por justiça social, particularmente buscando a sustentabilidade das cozinhas comunitárias e uma política pública democrática e territorializada de segurança alimentar.

Como é possível intuir, o processo envolve a centralidade de uma dinâmica educativa teórico-prática, articulando pesquisa, extensão e educação e inserindo-se no contexto de assessoria acadêmica ao movimento popular-comunitário e de instituição e fortalecimento estratégico de uma rede popular-comunitária. Também cabe destacar que se trata de um momento, no ano de 2025, em que há um processo continuado de fortalecimento da atuação virtual da rede e de cada uma das instituições e cozinhas que a compõe. Nesse sentido, o “Saberes, sabores e afetos” busca compor esse esforço coletivo.

O projeto se insere em um contexto no qual são essenciais as atividades e as dinâmicas que fomentem processos de autorreconstituição continuada desses agentes enquanto coletivos e comunidades de afeto e de conhecimento (Gosselin, 2024), interligados e conformados por vínculos e referenciais identitários compartilhados. Nesse sentido, cabe destacar que a imagem fotográfica revela-se fonte de recordação e emoção, evidenciando/fomentando a construção reiterada de envolvimentos afetivos, rememorações e narrativas que enfocam acontecimentos e situações vivenciadas, através de experiências visuais significativas (Kossoy, 2012). Ainda, cabe destacar como as postagens em redes como o Instagram e o Facebook, assim como as reações a elas, podem conformar o que Gosselin (2024, p. 8-9) caracteriza, referindo-se às trocas entre agentes acadêmicos e do campo, como um “jogo de observação mútua”, em que “a reflexividade se caracteriza como um elemento central da produção da memória”, com o “discurso (textual, iconográfico e sonoro) presente nas postagens” envolvendo “as trocas provocadas pela presença e pelas questões formuladas pelos pesquisadores”.

Também cabe destacar, considerando que as fotografias captam aspectos visuais relevantes, que é necessário articular, como indica Kossoy (2012), iconografia e iconologia, para ir além do imediatamente visível na interpretação, evidenciando as complexidades e intensidades que atravessam e compõem a processualidade vivenciada. Nesse sentido, todos os agentes envolvidos são instigados a posturas reflexivas, constituindo-se situações, momentos e dinâmicas coletivas de interpretação. Isso acontece inclusive porque entendemos que o processo potencialmente envolve dinâmicas de reativação e reapropriação de memórias individuais, coletivas e institucionais (Gosselin, 2024) e a reconstrução popular-comunitária e citadina de significados, sentidos, imagens e imaginários compartilhados. Temos consciência de que isso ocorre em um contexto de disputas ético-políticas públicas acerca do que é a periferia, o que é particularmente relevante ao Grande Bom Jardim, local social e historicamente reduzido, nas perspectivas urbanas e políticas hegemônicas, a um território de violência delinquencial e criminal, de empobrecimento e vulnerabilidade social, invisibilizando-se as resistências, as contraposições, às construções sociais e os protagonismos. Também temos consciência de que se vivencia uma disputa pública quanto a qual o lugar político dos agentes periféricos popular-comunitários, geralmente reduzido a beneficiários de ações e

políticas sociais, desconsiderando-os e buscando destruir seu protagonismo e sua relevância urbana, histórica, societal, estética, ético-política e epistêmica.

A seguir, apresentamos as vinte fotografias selecionadas. Elas revelam saberes, sabores e afetos nas escolhas cotidianas que se confirmam e efetivam; nas práticas, nos gestos e nos olhares, nas falas e nos silêncios, nas alegrias e tristezas, nas perdas e conquistas vivenciadas; nos afetos e compromissos solidários que se reafirmam, particularmente em situações problemáticas e em contextos críticos; no firme propósito de afirmação da dignidade, buscando justiça social e acesso aos direitos humanos, o que se revela em cada detalhe; na mobilização e no manejo continuado de saberes e sabores, integrando culturas alimentares diversas e patrimônios alimentares ancestrais; nas relações e interações com cada pessoa, família e comunidade no território, ainda mais quando difíceis e comportando riscos e implicações variadas; no enfrentamento de dificuldades e desafios que se reiteram e por vezes se acumulam e se sobrepõem; na conformação criativa de formas associativas e organizativas, estratégicas e táticas de luta por direitos e por justiça social; na articulação entre o enfrentamento emergencial à fome e a luta por políticas públicas democráticas, territorializadas e permanentes de segurança alimentar; e na força, na resiliência e na potência societal, estética, epistêmica e ético-política de pessoas, coletivos e instituições que compõem as cozinhas e a Rede de Cozinhas do Grande Bom Jardim. Todas as fotografias foram feitas pela Autora 1, exceto a Figura 15, feita por Moisés Tavares Cá.

Figura 1. Cozinha Comunitária do Instituto Avivar, alimentos *in natura*, jerimum, beterraba, batata-inglesa, cenoura, chuchu, cebola e batata-doce. Há uma preocupação nutricional que vai além da satisfação do paladar, revelando uma dinâmica alimentar cultural e educativa.



Fonte: os autores.

Figura 2. Despensa do Babalorixá Pai Marcos Amorim Ty'Odé (Marcos Antonio Silva Amorim), da Associação Cultural Afoxé Omōrisá Odé. No momento da fotografia, ele fala que consegue administrar vários programas de combate à fome, tais como o "Mais nutrição", que tem como foco a nutrição de crianças menores de 6 anos, e o "Ceará sem fome", além da "Creche Mãe Balbina", que acolhe crianças de até 3 anos. Também conta da preocupação com o valor nutricional do cardápio e da interlocução com a cultura alimentar das pessoas que recebem as refeições produzidas.



Fonte: os autores.

Figura 3. Pai Marcos Amorim Ty'Odé, da Associação Cultural Afoxé Omōrisá Odé, faz questão de mostrar os mantimentos. Nos caixotes, há banana, mamão, chuchu, jerimum, beterraba e manga. Observa-se a importância de mostrar, demonstrar e reafirmar nessas fotografias o direito a ter comida de verdade, com valor nutricional, textura e sabor de comida, frutas e legumes.



Fonte: os autores.

Figura 4. Produção de salada de frutas na Cozinha Solidária e Criativa Criart, feita por João Vitor, filho de Cristina Nascimento. Cristina Nascimento é idealizadora do projeto de empoderamento financeiro de mulheres pretas periféricas, articulando um *buffet*, que gera renda para impulsionar a produção de artesanato, de modo a gerar renda para as mulheres da comunidade.



Fonte: os autores.

Figura 5. Distribuição de comida do *buffet* da Cozinha Solidária e Criativa Criart, no Encontro das Margaridas, coletivo feminista da cidade de Fortaleza. Ao fundo da fotografia está Cristina Nascimento, idealizadora do projeto, com pratinhos descartáveis na mão e com um sorriso tímido de satisfação.



Fonte: os autores.

Figura 6. Produto final do *buffet* da Cozinha Solidária e Criativa Criart.



Fonte: os autores.

Figura 7. Cozinha Comunitária CPEC Pé no Chão, vinculada ao Centro Popular de Educação e Cultura (CPEC) Pé no Chão. A foto retrata o recebimento dos alimentos da política pública do estado do Ceará, Brasil, intitulada “Ceará sem fome”. Essa política pública foi afetada por esses agentes, que a executam com a preocupação de preparar comida de alto valor nutricional, além de não fugir dos hábitos alimentares presentes na comunidade. Na foto, Bernadete Ferreira de Sousa, principal liderança da cozinha, faz questão de conferir a qualidade de cada item.



Fonte: os autores.

Figura 8. Bandeira do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, na sede da Associação de Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis do Grande Bom Jardim (ASCABOMJA), que também faz parte da Rede de Cozinhas Comunitárias do Grande Bom Jardim. O público atendido pela associação é bem maior do que o das cem refeições diárias da política pública "Ceará sem fome".

Dona Antônia, principal liderança da associação e da cozinha, explica que a ASCABOMJA não conseguiu participar da política pública, porque ela fornece refeições de forma inconstante, considerando a dinâmica de trabalho e vida de catadores e catadoras. Às vezes os catadores e catadoras vão ao almoço, outras vezes à janta.



Fonte: os autores.

Figura 9. Antonia Telma, integrante da ASCABOMJA, na cozinha comunitária da associação, com as mãos na cintura, pensa no que vai preparar, considerando a falta de mantimentos e ingredientes na despensa. Essa expressão, que revela dúvida sobre o que vai preparar, está presente em vários lares periféricos em contexto de insegurança alimentar no Brasil. Telma sabe que os catadores e catadoras vão chegar cheios de fome, depois de um dia exaustivo de trabalho. Olha para a despensa e pensa no que dá pra fazer com esses ingredientes. Diferentemente das expressões das outras fotografias apresentadas até aqui, Telma demonstra preocupação.



Fonte: os autores.

Figura 10. Distribuição de cuscuz e leite do programa “PEC leite”. Nice, principal liderança da Associação dos Moradores do Bom Jardim Cozinha Social (AMBJUNIDAS), poderia somente distribuir o leite, mas há uma preocupação da liderança com o que as pessoas irão comer pela manhã. Então ela garante o cuscuz (milho triturado cozido) com um copo de leite.



Fonte: os autores.

Figura 11. Dona Leda, voluntária na Cozinha Comunitária da Associação Comunitária dos Moradores do Marrocos, no Siqueira. A instituição faz parte do programa “Ceará sem fome”, política pública que fornece os alimentos para a preparação diária de cem refeições para o enfrentamento à fome.



Fonte: os autores.

Figura 12. Voluntária preparando cuscuz para a distribuição de refeições na Cozinha Comunitária do Instituto AVIVAR. Na fotografia, o capricho do ponto de cozimento do alimento representa o comprometimento e a dedicação de quem cozinha não apenas com técnica, mas também com afeto.



Fonte: os autores.

Figura 13. Voluntária da Cozinha Comunitária da Associação Bom Viver Brilhos e Flores, na montagem das refeições, com o Baião de Dois aparecendo na panela.



Fonte: os autores.

Figura 14. Fotografia na Cozinha Social da Associação Comunitária dos Moradores do Parque Nazaré (ASCOPAN). Na fotografia, o capricho na preparação de cada ingrediente e na montagem das refeições.



Fonte: os autores.

Figura 15. Fotografia da produção de quentinhas extras na Cozinha Comunitária do Projeto Irmão Sol, Irmã Lua, no bairro Canindezinho, destinadas a pessoas que não são assistidas pelo programa “Ceará sem fome”, do Governo do Estado do Ceará. Essas refeições são preparadas para atender a pessoas que não possuem documentos ou as formalidades necessárias para receber as refeições, inclusive pessoas egressas do sistema penal e do sistema socioeducativo e pessoas em situação de rua. No cardápio do dia, sarrabulho, um prato tipicamente nordestino, feito com vísceras de bode.



Fonte: os autores.

Figura 16. Na imagem, a equipe da Associação Queira o Bem, na Granja Portugal, trabalhando em equipe para a montagem das refeições, demonstrando o empenho dos voluntários para entregar as refeições quentinhos, de forma adequada e rápida.



Fonte: os autores.

REFERÊNCIAS

- BODART, C. N.; SILVA, R. T. Fabricante e remendador de redes de pesca: um olhar a partir da etnografia visual. **ILUMINURAS**, Porto Alegre, v. 16, n. 37, 2015. DOI: 10.22456/1984-1191.53151. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/53151>. Acesso em: 27 junho 2025.
- CARLOS, E. Contribuições da análise de redes sociais às teorias de movimentos sociais. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 153-166, jun. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/HPcYGvswbvdFjJGGpLnk6Zd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 jun. 2025.
- CEFAÍ, D. Como nos mobilizamos? A contribuição de uma abordagem pragmatista para a sociologia da ação coletiva. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflitos e Controle Social**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 11-48, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7163>. Acesso em: 25 jun. 2025.
- GOSSELIN, A. S. Etnografia online e a memória viva do candomblé nas redes sociais. **Equatorial: Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social**, [s. l.], v. 11, n. 21, p. 1-26, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/equatorial/article/view/35012>. Acesso em: 25 jun. 2025.
- KOSSOY, B. **Fotografia e história**. Cotia: Ateliê Editorial, 2012.

MACHADO, E. G. Apresentação. In: ALMEIDA, A. P.; FREITAS, A. M. (org.). **Rede de Desenvolvimento Local, Integrado e Sustentável do Grande Bom Jardim: lutas e conquistas populares.** Fortaleza: RDLIS, 2021. p. 9-11.

MACHADO, E. G.; PEREIRA, A. Q. Periferias urbanas, redes locais e movimentos sociais em Fortaleza, Ceará. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 40, e62358, p. 1-27, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/62358/34736>. Acesso em: 23 maio 2025.

MACHADO, E. G. et al. **Mapa participativo de enfrentamento à fome do Grande Bom Jardim:** relatório. Fortaleza: CDVHS; UNILAB; Diálogos; UFC; Nupega, 2022. Disponível em: https://cdvhs.org.br/wp-content/uploads/2023/01/p_site-mapa-participativo-de-enfrentamento-a-fome-do-gbj-1.pdf. Acesso em: 23 maio 2025.

MACHADO, E. et al. Enfrentando a fome no Grande Bom Jardim (Fortaleza, Ceará). In: PEREIRA, A. Q.; COSTA, M. C. L. (org.). **Reforma urbana e direito à cidade – Fortaleza.** Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022. p. 222-224.

MACHADO, E. G. et al. As cozinhas comunitárias do Grande Bom Jardim e a democracia. In: COSTA, M. C. L.; PEQUENO, L. R. B.; PEREIRA, A. Q. (org.). **Fortaleza.** Rio de Janeiro: Letra Capital; Observatório das Metrópoles, 2024. p. 60-65.

NOVAES, S. A. C. Construção de Imagens na Pesquisa de Campo em Antropologia. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 13, n. 31, 2013. DOI: 10.22456/1984-1191.36791. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/36791>. Acesso em: 27 junho 2025.